



J. I. PACKER | CAROLYN NYSTROM

O DEUS
QUE NOS
GUIA E
GUARDA

DIRECIONAMENTO
DIVINO PARA AS
DECISÕES DA VIDA

Sumário

Prólogo: <i>O gosto do medo</i>	9
1. O Pastor e suas ovelhas.....	15
2. Histórias interligadas.....	39
3. Saúde!.....	73
4. Guiados pela Palavra de Deus.....	117
5. O caminho da sabedoria.....	157
6. Com um pouco de ajuda dos amigos.....	195
7. Modelos.....	231
8. Compromisso de uma vida guiada por Deus.....	255
9. Ética situacional.....	281
10. Guardados e guiados pelo Espírito Santo.....	301
Epílogo: <i>Um fim para o medo</i>	333
Apêndice: <i>John Newton sobre a direção divina</i>	343

Prólogo

O gosto do medo

O medo de um dano físico iminente tem um gosto desagradável, no sentido mais literal do termo. A bile sobe do estômago e deixa na garganta um acentuado gosto amargo. Foi assim com um amigo americano de Packer, quando ele e uma moça que estava fazendo aniversário ficaram à deriva no mar perto da costa de Maui, no Havaí, sobre um catamarã virado de cabeça para baixo, com um enorme tubarão nadando silenciosamente ao redor. Foi assim com outra amiga dele, canadense, quando ela ficou boiando nas águas frias do Pacífico depois de seu barco haver naufragado. O próprio Packer já sentiu esse gosto. E provavelmente você também, do contrário seria uma pessoa fora do comum.

Outros tipos de medo podem não deixar o mesmo gosto amargo na boca, mas, metaforicamente falando, podem estragar o sabor da vida. Eles anuviam seu espírito durante o dia e o mantêm acordado de noite; minam sua concentração o tempo todo e lhe provocam um pavor constante. De todos os impulsos humanos, o que nos leva a ser conduzidos pelo medo talvez seja, com o passar do tempo, o mais incômodo e o mais

nocivo, pois deteriora nossos relacionamentos, drenando nossa capacidade de viver; rouba-nos a sabedoria, fazendo com que olhemos para os lados em vez de olharmos para frente; enfim, é uma deficiência muito difícil de superar.

Durante os últimos 150 anos, a questão da direção divina tornou-se o foco desse mesmo medo no coração de muitos cristãos. Nós cristãos sempre nos regozijamos na certeza de que Deus, em sua graça e sabedoria oniscientes, está realizando seu plano em nossa vida e, assim, nos ajuda em nossas decisões e nos dá forças para fazer tudo o que a obediência à sua vontade revelada exigir de nós. Em certos setores, porém, a santidade exuberante e eloquente, exemplificada por homens como John Wesley e William Wilberforce, reduziu-se a um pietismo legalista. O pietismo — que significa viver segundo a crença de que nada na vida é tão importante quanto meu relacionamento pessoal com Deus — é algo bom e correto. Mas o legalismo — que significa viver segundo a crença de que a qualidade do meu relacionamento com Deus depende de eu me submeter a algum tipo de desempenho correto — não é algo bom nem correto. No caso do legalismo, duas coisas específicas deram errado. A primeira, a difundida noção de que alcançar e seguir a orientação direta de Deus é uma questão de extrema importância na vida cristã, como se isso fosse algo que estivesse acima e além da noção de tomar decisões de bom senso segundo os parâmetros cristãos. A segunda, o fato de o plano de Deus para a vida do cristão ter passado a ser entendido como um itinerário de viagem, no qual fazer as conexões planejadas é de fundamental importância e perder uma delas arruína o plano e estraga todo o resto da viagem. Pois, nesta hipótese, é preciso traçar um plano B, secundário, para substituir o plano A, original e ideal, mas agora impraticável; e isso certamente envolverá certo grau de perda.

Em decorrência dessa mentalidade, uma ansiedade medrosa (dominada pelo medo) e desorientada com relação a tomadas de decisão se difundiu entre os evangélicos. Os crentes se sentiam incapazes de tomar decisões de longo alcance até que tivessem recebido alguma indicação especial e pessoal de Deus a respeito do que deveriam fazer. O medo de fazer algo que, do ponto de vista de Deus, fosse assumir um compromisso errado em termos vocacionais, profissionais, sociais, relacionais e conjugais induziu a uma espécie de paralisia interior que redundou no fato de compromissos bons e desejáveis não terem sido firmados, pois as pessoas não podiam assumir nenhum tipo de compromisso (o que, evidentemente, já era em si uma espécie de tomada de decisão, embora normalmente não fosse vista dessa forma). E esse não é um bom estado de coisas.

A ironia da situação foi que os mestres (houve um tempo em que tínhamos muitos deles) — os mesmos que advertiam contra alguém condenar-se ao plano B, secundário, por não pedir a direção de Deus de forma diligente o suficiente e, assim, deixar de tomar a decisão correta — estavam tentando assegurar que os cristãos respondessem ao chamado para abraçar o serviço abnegado e sacrificial aos outros por amor a Cristo. Em certo período, foi quase inquestionável entre os evangélicos que todos os que objetivavam ser cristãos de primeira classe deveriam se tornar ou missionários no exterior, ou ministros/esposas de ministros, ou se dedicarem ao serviço na área médica (como médicos ou enfermeiras), ou se tornarem professores/professoras em escolas. Todas as outras esferas da vida, embora legítimas, eram vistas como áreas de atuação de segunda classe em comparação com essas. Assim, os jovens cristãos eram incentivados a buscar orientação pessoal em uma ou outra dessas quatro esferas privilegiadas, em vez de seguir qualquer ramo de trabalho mais lucrativo.

Nada disso, com certeza, era inteiramente errado. Essas quatro formas de serviço de fato normalmente oferecem mais oportunidades para fazer o bem e trazer benefícios imediatos para as pessoas do que muitos outros ofícios e profissões, de modo que devem ser vistas como privilegiadas e, por causa disso, os jovens devem ser encorajados a aspirar a uma delas. Mas a ideia de que elas coloquem alguém em um plano espiritualmente superior é uma superstição medieval vestida com uma nova roupagem, como se Deus visse o profissional religioso como uma pessoa que está acima de todas as outras. E também é superstição a ideia de que você precisaria de um sinal especial de Deus, algo que estivesse acima e além de quaisquer interesses ou aptidões pessoais, ou mesmo da estimativa que outros fazem de suas aptidões, para assegurar seu compromisso de servir em uma dessas áreas ou em qualquer outra atividade a elas relacionada.

Mas os crentes ainda se sentem ansiosos sobre a questão da direção divina e ainda acham a tomada de decisão algo espiritualmente inquietante e problemático. O medo, ao que parece, ainda está presente. E é justamente para tentar ajudar as pessoas nessa área de sensível tensão que o presente livro foi escrito.

Santos repletos de medo

Um último ponto preliminar. Ao longo do tempo, o ministério tem nos mostrado que a comunidade redimida, assim como o resto do mundo, é composta por dois tipos de pessoas: as que se deixam conduzir pela tolice e as que se deixam conduzir pelo medo. Segundo a antiga teoria dos quatro tipos de temperamento, os que são movidos pela tolice tendem a ser os sanguíneos e os coléricos, enquanto os que são movidos pelo medo tendem a ser os fleumáticos e os melancólicos. Na linguagem

de hoje, poderíamos rotular os dois tipos como os impulsivos e os depressivos. Os impulsivos não são suficientemente zelosos no serviço a Deus, pois são muito precipitados, superficiais e confiantes demais para alcançar a plena medida de sabedoria, enquanto os depressivos, por sentirem que as coisas estão contra si, não são suficientemente confiantes em Deus para desfrutar do pleno equilíbrio da sabedoria. O medo penetrante de serem, de algum modo, pegos desprevenidos e desapontarem-se os persegue constantemente, e acaba por enfraquecer sua vida espiritual de modo muito mais pronunciado do que podem imaginar. Em termos das virtudes cardeais clássicas, falta ao primeiro tipo prudência e ao segundo tipo coragem, e ambos cometem erros a respeito da direção de Deus, em razão de sua fraqueza peculiar. Nós escrevemos este livro na esperança de ajudar esses dois tipos de cristãos.

A razão pela qual nossas exposições se voltam para um campo tão vasto encontra-se em nosso desejo de que sejam úteis para o máximo possível de pessoas. Oramos para que todos os que leiam este livro possam se beneficiar dele. Que Deus conceda isso! Amém.

J. I. Packer
Carolyn Nystrom

1

O Pastor e suas ovelhas

Sê nosso guardião e nosso guia,
e ouve nosso clamor;
Não deixe nossos passos escorregadios deslizarem,
e segura-nos para que não caiamos.

Isaac Williams (1802-1865)

Começaremos buscando desenvolver o ponto que o nosso prólogo acabou de defender.

Como vimos, *direção* é uma palavra que para muitos cristãos inspira fascinação e medo. A fascinação é sentida porque os cristãos de fato querem ser divinamente guiados e sabem que há muitas passagens na Bíblia em que a direção divina é prometida aos que creem. O medo surge por suspeitarem que é difícil entender corretamente essa direção e por anteverem desastres ao interpretá-la de forma errada. Sabem de casos de condutas amalucadas e desastrosas que se disseram pautadas na direção divina e saber disso mantém seu medo bem vivo. O fascínio e o medo são alimentados por uma inquietante sensação de incerteza quanto às maneiras pelas quais Deus orienta

O Bom Pastor promete guiar você

Todos os dias temos de enfrentar decisões: algumas grandes, outras pequenas. Como cristãos, procuramos submeter as escolhas que fazemos à vontade de Deus. Infelizmente, para muitos, o processo de discernir a vontade de Deus passou a ser algo marcado por medo e confusão, levantando perguntas como: "Deus nos guia? Se guia, como o faz? Como vou saber quando ele está me guiando? E se eu cometer algum erro?"

J. I. Packer e Carolyn Nystrom procuram nos libertar desse medo. Começando por uma análise do salmo 23, eles mostram que Deus, no papel que ocupa na aliança como nosso Bom Pastor, prometeu guiar e guardar a nós, suas ovelhas. Não precisamos ter dúvida de que ele amorosamente concederá a orientação de que precisamos quando o buscamos. E podemos nos sentir encorajados pelo fato de que, do mesmo modo que um pastor sai em busca de suas ovelhas perdidas e as traz de volta ao caminho, o Bom Pastor fará o mesmo por nós.

Neste rico estudo sobre a direção divina, os autores mostram a importância de cultivar um estilo de vida pautado pela sabedoria e pelo discernimento que extraímos da Bíblia. Eles também levam a sério o papel do Espírito Santo na direção de seu povo, sem perder o equilíbrio que nem subestima, nem sobrestima o elemento sobrenatural presente na direção divina.